

Literacies and Educational Changes:

Rediscovering Digital Learning, Neoliberalism and Post-Pandemic Policies

Thirtieth International Conference on Learning
The University of São Paulo, São Paulo, Brazil

12-14 July
2023

Pre-service teacher education in the English Language and Literature Undergraduate Course at UFES: insights from the teaching practicum and supervised internship.

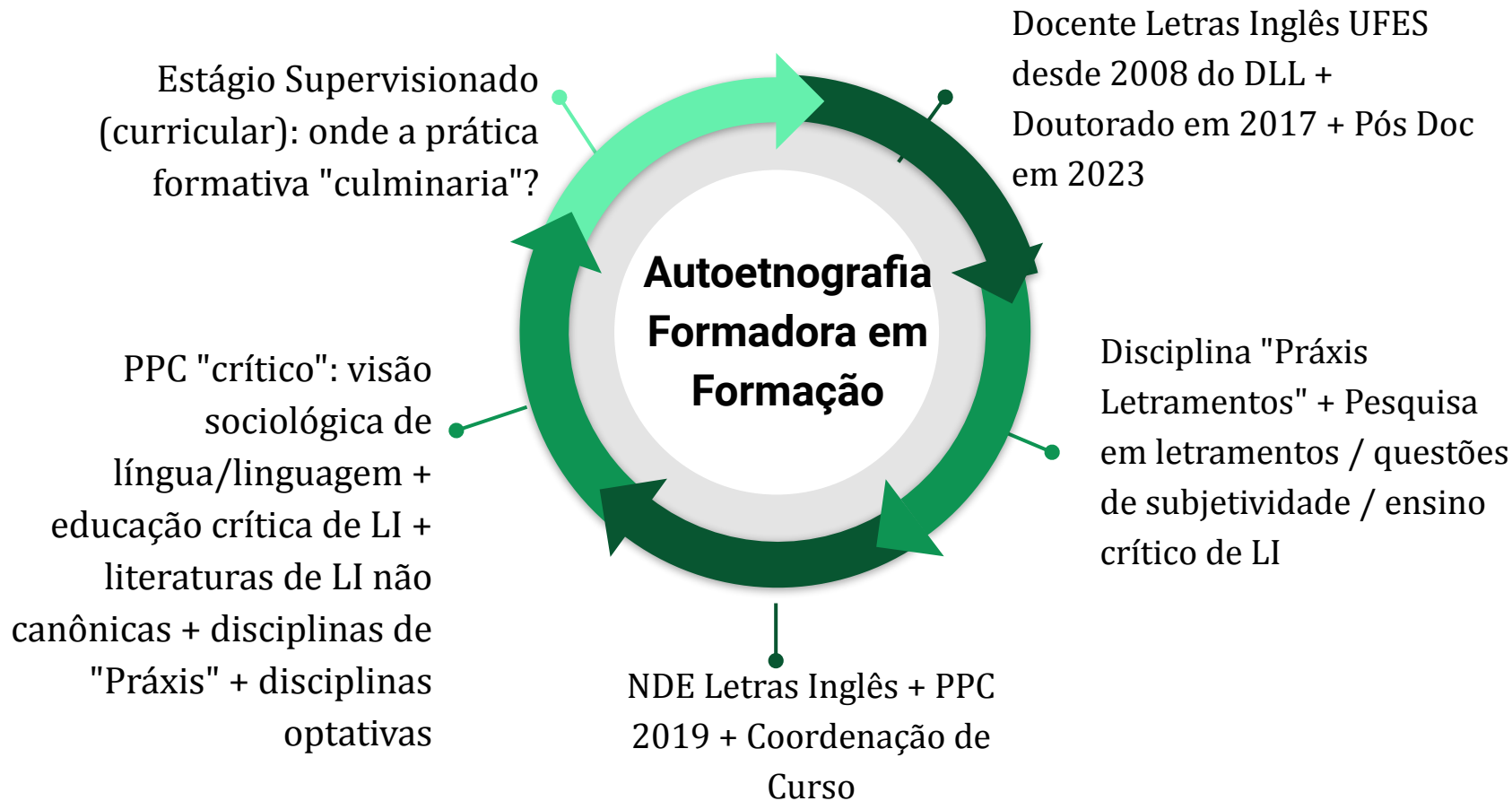
Formação Inicial de Professores na Licenciatura de Letras Inglês da UFES: reflexões sobre a práxis a partir do Estágio Supervisionado.



Livia Fortes
Universidade Federal do Espírito Santo



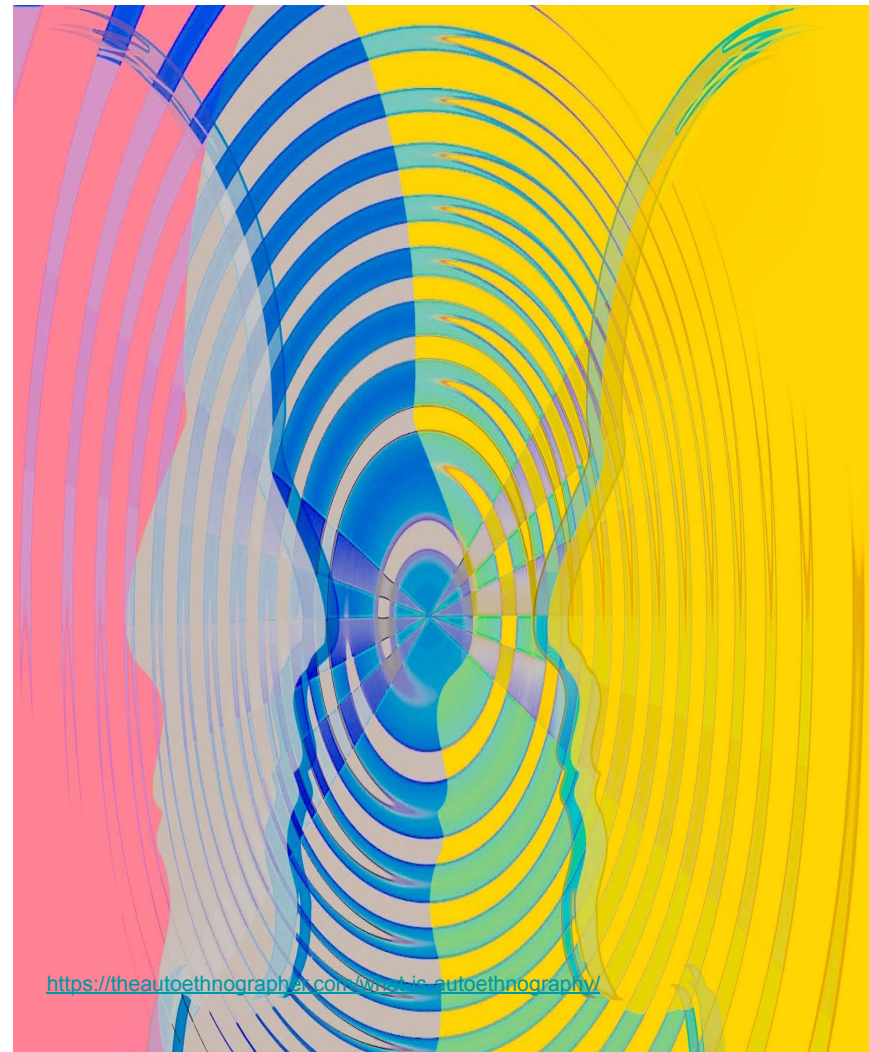
1. Lócus de Enunciação / Contextualização



2. Por que a autoetnografia?

- a. **Mudança de foco:** da educação básica (Doutorado) para a educação superior (Pós-Doc); exposição x preservação (ética) do/para com o Outro
- b. **Reflexividade e Subjetividade:** ler se lendo, emergência de questões e da investigação (do todo para as partes, grassroots), expansão do paradigma qualitativo - pesquisadora pesquisada (*subject of and to*)
- c. **Prática de letramento crítico e expansão interpretativa na/como práxis docente**
- d. **Agência** na construção de sentidos por parte da pesquisadora, na apreensão (e não no preenchimento) de lacunas (TAKAKI, 2020)
- e. **Autoetnografia como prática decolonial:** fazer acadêmico, científico e constituição identitária pela superação de binarismos (pesquisador-pesquisado, sujeito-objeto, teoria-prática, razão-emoção, totalidade-parcialidade, etc)
- f. **Pesquisar o familiar, estar inserido:** complexidade e contradição

For most of us, autoethnography is not simply a way of knowing about the world; it has become a way of being in the world, one that requires living consciously, emotionally, and reflexively. It asks that we not only examine our lives but also consider how and why we think, act, and feel as we do. Autoethnography requires that we observe ourselves observing, that we interrogate what we think and believe, and that we challenge our own assumptions, asking over and over if we have penetrated as many layers of our own defenses, fears, and insecurities as our project requires. It asks that we rethink and revise our lives, making conscious decisions about who and how we want to be. And in the process, it seeks a story that is hopeful, where authors ultimately write themselves as survivors of the story they are living. (ELLIS, 2013, p. 10)



3. Primeira fase da pesquisa: Experiências no Estágio Supervisionado durante a Licença Capacitação

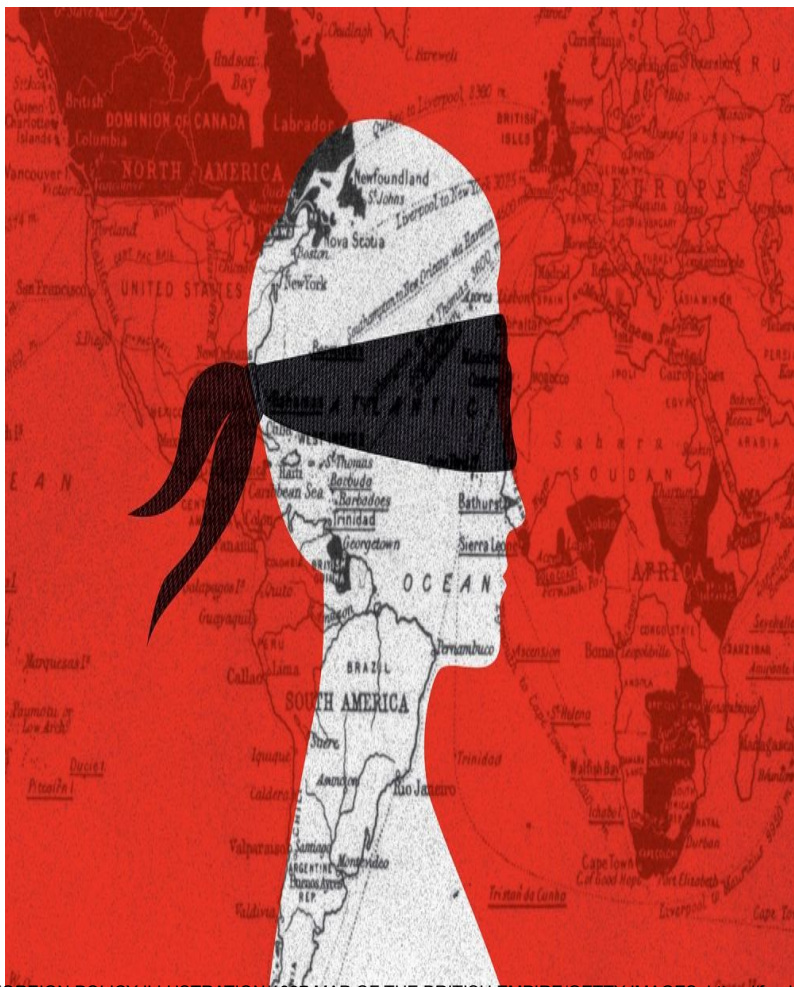
Lacunas, desafios, colonialidades:

- **dimensão estrutural:** superação do modelo 3+1: lugar das disciplinas de estágio + lugar da prática como componente curricular nas disciplinas hoje denominadas de "Práxis Curricular" - queixas dos alunos quanto à possibilidade de "colocar conteúdos das disciplinas em prática" + "formação crítica" + acesso à práticas escolares (chão da escola) - BINÔMIO TEORIA-PRÁTICA
- **dimensão organizacional/institucional:** desburocratização do estágio (TCEs, convênios, estágios não obrigatórios) e resignificação da sua importância - CUMPRIMENTO DE BUROCRACIAS - AFASTAMENTO DA UNIVERSIDADE - MUROS CADA VEZ MAIS ALTOS?

3. Primeira fase da pesquisa: Experiências no Estágio Supervisionado durante a Licença Capacitação

Lacunas, desafios, colonialidades:

- **dimensão epistemológica:** promover maior articulação entre os conteúdos de natureza teórica estudados nas disciplinas do PPC + compromisso com programas das disciplinas e o PPC (currículo documento de identidade) + formação do falante / usuário da LI - DISCIPLINAS AINDA FECHADAS EM CAIXINHAS - COLONIALIDADE DO SABER/EPISTEMOLOGIAS
- **dimensão identitária:** promover melhores oportunidades de interação entre os discentes do curso e as possibilidades de atuação docente na graduação de Letras Inglês, em especial no que tange o trabalho com a educação básica em seus variados segmentos e níveis (NÃO DESEJAR ADENTRAR A ESCOLA PÚBLICA NÃO SERIA TAMBÉM UMA FORMA DE COLONIALIDADE, PENSAR O CURSO LIVRE COMO LUGAR "IDEAL" DE APRENDER INGLÊS E APRENDER SOBRE ENSINAR INGLÊS?)



Aprendemos que nossa aposta de formação não escapa das ciladas das colonialidades, pois estamos inscritas na matriz colonial (PESSOA, SILVESTRE, 2022, p. 50)

Com efeito, o problema talvez não resida na separação entre esses dois tipos de conteúdo, mas sim, na negação da responsabilidade de todas(os) as(os) professoras(es) de um curso de licenciatura com a formação docente. Será que essa negação não nos permitiria conjecturar que a desvalorização da profissão docente e da escola pública é também gestada nos próprios cursos de licenciatura? Não há aí uma colonialidade que resulta da exaltação da formação científica/teórica e do desprezo pela formação pedagógica? (PESSOA, 2022, p. 277)

4. Segunda fase da pesquisa: autoetnografia da formadora em formação

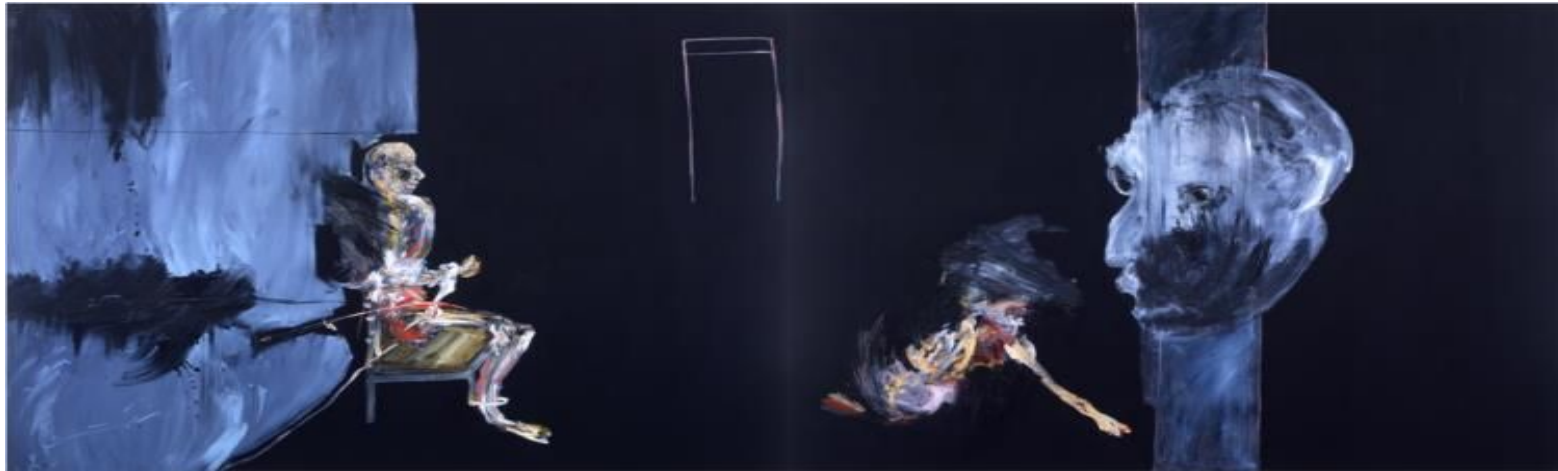
- ESCRITA autoetnográfica - PRÁXIS
- Autoetnografia e Subjetificação: possibilidade de formação "continuada" crítica, agenciadora de novos inícios e desconstruções - ONDE POSSO AGIR? BRECHAS, *FISSURES*, INSURGÊNCIAS??
- COMO ESTOU IMPLICADA E INSERIDA NESSAS LACUNAS?
- Colonialidade/Modernidade na formação: É PRECISO, E POSSÍVEL, ROMPER COM TUDO? QUE FORMAÇÃO DESEJAMOS? CURRÍCULO COMO LUGAR DE DISPUTA, SUBVERSÃO OU ALIENAÇÃO?

To crack coloniality means, for me, to open fissures in this totalizing system or matrix of power, and to widen further the fissures that already exist in coloniality's supposedly impenetrable wall... The fissures and cracks are not the solution but the possibility of otherwhises, those present, emerging, and persistently taking form and hold. (WALSH, 2023, p. 7)

5. Diálogos com o saber acadêmico-científico

- Pensamento Decolonial, colonialidade do saber, ecologia de saberes, brechas, cracks e insurgências (SOUSA SANTOS, 2009; LANDER, 2005; WALSH, 2023;
- Práticas decoloniais: rede Cerrado (BORELLI; PESSOA, 2019; MASTRELLA-DE-ANDRADE, 2019; PESSOA ET AL, 2022; PESSOA; SILVESTRE, 2022; PESSOA, 2022; BORELLI; SILVESTRE; PESSOA, 2020), Projeto Nacional de Letramentos (MONTE MÓR; DUBOC; FERRAZ, 2021)
- Formação crítica: sensibilização linguística (MENEZES DE SOUZA, 2019), expansão de sentidos (MONTE MÓR, 2018)
- Currículo e identidade (SILVA, 2005)
- Educação para/com o mundo (world-centered education), educação/formação subjetificadora (subject-ness), Teaching as artistry (BIESTA, 2023)

É interessante notar que observar parece já garantir conhecer: se observo, entendo como é e, então, conheço. Há aqui uma forte crença no olhar observador para entender e conhecer: sou sujeito capaz de, ao observar, entender e conhecer um determinado contexto. Essa parece ser uma postura colonial presente em nossa cultura de formação docente. Não foram assim nossas histórias de colonização? Colonizadores, ao adentrarem um determinado contexto, julgavam ser capazes de conhecê-lo a partir da observação que faziam... (MASTRELLA-DE-ANDRADE, 2019, p. 16-17)



The Observer And The Observed

Michael Hafftk
<https://www.wikiart.org/en/michael-hafftk/a/the-observer-and-the-observed-1986>

REFERÊNCIAS

- BIESTA, G. (2023). Outline of a Theory of Teaching: What Teaching Is, What It Is For, How It Works, and Why It Requires Artistry. In: Praetorius, AK., Charalambous, C.Y. (eds) Theorizing Teaching. Springer, Cham. https://doi.org/10.1007/978-3-031-25613-4_9
- BORELLI, J. D. V. P.; SILVESTRE, V. P. V.; PESSOA, R. R. Towards a Decolonial Language Teacher Education. IN: Revista Brasileira de Linguística Aplicada 20.2 (2020): 301–324. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1984-6398202015468>.
- Borelli, Julma Dalva Vilarinho Pereira, and Rosane Rocha Pessoa. “O Estágio Em Língua Inglesa e o Desafio Decolonial: Problematizações Sobre as Relações Interpessoais De Seus/Suas Agentes.” MOARA – Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras. 2019. ISSN: 0104-0944 1.51 (2019): 75. Web.
- JONES, S. H.; ADAMS, T. E.; ELLIS, C. Handbook of autoethnography. NY: Routledge. 2013.
- LANDER, Edgardo (org.) A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. setembro 2005. <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/>
- MASTRELLA-DE-ANDRADE, M. “Abandonamos a Sala Da Universidade: Uma Opção Decolonial No Estágio De Inglês e Na Formação Docente Crítica.” Revista Brasileira de Linguística Aplicada (2019): n. pag. Web.
- MENEZES DE SOUZA, L. M. T. Educação linguística: repensando os conceitos de língua e linguagem. In: FERRAZ, D. M.; KAWACHI-FURLAN, C. J. *Bate-papo com educadores linguísticos: letramentos, formação docente e criticidade*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2019. p. 245-258.
- MONTE MÓR, W. Letramentos críticos e expansão de perspectivas: diálogo. In: JORDÃO, C. M.; MARTINEZ, J. Z.; MONTE MÓR, W. (org.). *Letramentos em prática na formação inicial de professores de inglês*. Campinas: Pontes Editores, 2018. p. 315-336.
- MONTE MOR, W.; DUBOC, A. P.; FERRAZ, D.M. Critical Literacies Made in Brazil. In PANDYA, J.; MORA, R.; DE ROOCK, R. (Eds) Handbook of Critical Literacy. London and New York: Routledge, 2021. 522 páginas. DOI: <https://doi.org/10.4324/9781003023425-1>
- PESSOA, R. R. NÓS DE COLONIALIDADE E FORMAÇÃO DOCENTE. IN: MATOS, D. C. V. S.; SOUSA, C. M. C. L. L. (org.) Suleando conceitos e linguagens: decolonialidades e epistemologias outras. 1. ed. Campinas, SP : Pontes Editores, 2022.
- PESSOA, ET AL. Universidadescola e educação linguística crítica : compartilhando vivências dos GEPLIs GO, MT e DF [Ebook]. 2a. edição. Goiânia : Cegraf UFG. 2022.
- PESSOA, R. R.; SILVESTRE, V. P. V. Gepligo (Grupo De Estudos de Professoras/es de Língua Inglesa de Goiás) Em Prosa and Verse: Entre Desaprendizagens and Learning Otherwise. IN: PESSOA, ET AL. Universidadescola e educação linguística crítica : compartilhando vivências dos GEPLIs GO, MT e DF [Ebook]. 2a. edição. Goiânia : Cegraf UFG. 2022.
- SILVA, T. T Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica. (2a. Edição). 2005.
- SOUSA SANTOS, B.; MENESES, M. P. (Orgs.) Epistemologias do Sul. Coimbra: Ed. Almedina. 2009. ISBN 978-972-40-3738-7.
- TAKAKI, N. H. Por uma autoetnografia/autocrítica reflexiva. In: INTERLETRAS, ISSN Nº 1807-1597. QUALIS. V. 8, Edição número 31, abril/setembro. 2020 - p. 1-20. DOI: 10.29327/214648.8.31-17.
- WALSH, C. E. Rising up, living on : re-existences, sowings, and decolonial cracks. Durham, NC : Duke University Press. 2023.